

HISTÓRIAS DE VIDA E CIDADE: FLORIANÓPOLIS ENTRE 1990 E 2009 SEGUNDO MORADORES DA PERIFERIA URBANA

Francisco Canella

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

franciscocanella@hotmail.com

Em 1992, na cidade Florianópolis, um grupo organizado de sem-teto entrava em suas casas após quase dois anos de lutas por moradia. Suas mobilizações envolveram a ocupação de terrenos e a autoconstrução das casas, em regime de mutirão. Setores politicamente progressistas de Florianópolis (na época com 280 mil habitantes) viram na vitória desse movimento um importante avanço para a pacata e conservadora capital de Santa Catarina.

Durante o período de ocupação e nos primeiros anos após a conquista das casas, conseguiram manter uma intensa mobilização coletiva, alimentada por uma utopia de cidade baseada na união dos moradores, cuja continuidade traduzia-se, por exemplo, na recusa, nos anos imediatamente após a ocupação, em não organizar uma associação de moradores centralizada, nos moldes tradicionais, mas optar pelo funcionamento através de comissões por ruas da localidade.

No entanto, a trajetória dos moradores, nos anos que se seguiram à ocupação e ao mutirão, é bastante reveladora quanto aos processos de segregação da cidade. Essa dinâmica de sociabilidades, marcada por um claro componente político e utópico, (traduzido na noção de comunidade), não era mais ali encontrada no momento em que retomei contato com os moradores, no final da década passada (anos 1990). Ao contrário, as sociabilidades estavam então marcadas pela desarticulação coletiva e pela privatização do cotidiano. Não havia mais uma associação de moradores ativa e representativa da coletividade. Não se percebia qualquer contrapartida associativa (mesmo que não política) ou espaços locais que articulassem os moradores em alguma

forma de vivência coletiva, predominando o encerramento dos moradores em suas vidas privadas. Havia uma situação de fragmentação na convivência dos moradores, com uma associação (ou o que sobrara dela) reproduzindo relações de tipo clientelista com políticos e com o poder público (inclusive se transformando em espaço para promoção de políticos que visavam se candidatarem em eleições). Algo bastante distante daquele ideal comunitário sonhado uma década antes.

Nos relatos dos moradores e moradoras passou a se fazer cada vez mais presente as referências ao medo, à violência e à criminalidade. Ao contrário do período da ocupação, que é recuperado em suas memórias como um passado mítico, essas referências têm reforçado uma auto-imagem negativa da comunidade. Mais recentemente, constata-se, de modo cada vez mais visível, a deterioração das casas. O processo de luta coletiva garantiu habitação digna - a ponto de, em seus depoimentos, orgulharem-se de não carregarem o estigma de *favelados* - mas não mudou o nível de renda, não mudou o grau de escolaridade e continuaram os antigos sem-teto a viver numa cidade cujo crescimento não evitou exclusões. Aliás, o aumento da atividade turística, ao contrário do que foi preconizado pelos defensores do projeto de metropolização da cidade, não se traduziu na melhoria das condições de vida da população empobrecida. No caso da localidade aqui analisada, a população convive com elevados índices de desemprego, informalidade e empregos temporários.

A cidade mudou muito nas duas últimas décadas. Cresceu de 290 mil (1990) para 400 mil habitantes em 2008. De cidade tida como provinciana, converteu-se em importante pólo turístico, capital que passou a ser incluída na rota turística de celebridades internacionais. Outros movimentos sociais passaram a agitar a cena política da cidade, como o dos estudantes (secundaristas e universitários) lutando pelo passe-livre no transporte coletivo da capital. Movimentos como os protagonizados pelos sem-teto saíram de cena, o que tem importantes conseqüências para o caso aqui analisado. Se, como movimento, em razão das potencialidades emancipatórias que lhes eram atribuídas, ocupavam um importante lugar simbólico na cidade, as conquistas, depois de findo o movimento, perderam seu significado quando suas condições de vida os

reduziram ao lugar simbólico destinado aos pobres e às áreas periféricas degradadas da cidade.

A pesquisa que desenvolvo atualmente tem como base os dados coletados a partir da inserção que tenho como professor que desenvolve projetos de extensão universitária. São dados etnográficos, baseados na observação direta, e depoimentos orais, visando reconstituir suas trajetórias de vida. Parto do pressuposto de que as trajetórias de vida tornam possível examinar as mudanças da localidade, como elas foram vivenciadas pelos atores sociais em diferentes momentos da cidade e do local, proporcionando o cruzamento entre as histórias individuais (incorporando suas especificidades, mas também aquilo que elas revelam como elementos comuns), e as transformações na cidade e no âmbito local. As histórias de vida, no âmbito desse trabalho, são incorporadas levando em consideração a crítica de Bourdieu, que nos alerta para os riscos de se “enclausurar a existência (..) em busca de uma improvável unidade de sentido”. Mesmo concordando com essa crítica de Bourdieu, a escolha foi por trabalhar com a reconstituição das histórias de vida. O entendimento que perpassa essa pesquisa, e que motivou o recurso às trajetórias pessoais, é que por meio delas é possível, como bem observou Sabina Loriga, “se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades vividas” (1998, p. 246), mesmo tendo presente a crítica de Bourdieu. A contextualização não deve ser confundida com a “homologação de uma amostra estatística”, aquilo que Jean-Claude Passeron designou como a *experiência dóxica*, ou a busca da normalidade (PASSERON *apud* LORIGA, 1998, p. 247). Relacionar uma história de vida com um contexto não requer reconstituí-la como uma unidade (tal como no gênero literário da biografia, criticada por Bourdieu¹). Como coloca Loriga: “não é necessário que o indivíduo represente um caso típico”, pois as “vidas que se afastam da média” permitem perceber melhor “o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social” (IDEM, P. 248-9). Assim, partindo das histórias de vida dos moradores, o presente artigo concentra sua análise em duas dimensões de seus relatos orais: 1. as

¹ Para Bourdieu, a ilusão biográfica consiste na organização como linearidade histórica do que antes eram traços isolados. (BOURDIEU, 1996, p. 74-76).

percepções de passado e presente dos antigos sem-teto que participaram das lutas pela moradia; 2. a comparação das práticas e percepções de participação política entre a primeira geração (a dos sem-teto) e a segunda geração (a dos filhos dos sem-teto) da localidade.

1. O passado e o presente da Nova Esperança segundo seus fundadores

Mesmo passados quase vinte anos, as recordações das lutas e todo o conjunto das experiências vivenciadas coletivamente permanecem nas falas de muitos moradores. Chama bastante atenção dos não moradores da localidade que passam a interagir com seus moradores as constantes referências ao tempo da ocupação. Seja em reuniões de pesquisa ou em conversas informais, todos destacam o quanto há um passado sendo constantemente sendo acionado em contraposição a um presente depositário de todas as mazelas e problemas. Ouvir formulações do tipo “nós éramos felizes e não sabíamos”, ou “naquela época era difícil, mas era bom”, “era melhor que hoje porque éramos unidos”, tem sido bastante comum nas conversas cotidianas, ou nos relatos dos ex-ocupantes para aquele que chega de fora e quer saber sobre a Nova Esperança.

Também no emprego daquelas palavras e expressões que compunham o idioma de ação dos sem-teto o passado parece ali se atualizar - notadamente na referência à *comunidade* como categoria de auto-identificação. Eles são a *comunidade Nova Esperança* – assim consta no nome oficial da associação de moradores. A forma mais comum de mencionar a localidade é “*aqui na comunidade*”. Quando retomamos o contato com os moradores, em torno de uma década após as ocupações, nas conversas que tínhamos com eles havia sempre a referência à história da comunidade e, mesmo na discussão dos problemas atuais da Nova esperança, o surgimento da comunidade, da ocupação até a construção

das casas sob regime de mutirão, é sempre muito lembrado². O período em que viveram embaixo de lonas constitui-se numa espécie de passado mítico para aqueles que o vivenciaram, em contraposição a um presente marcado pela falta de união e pelo interesse individual.

“A comunidade hoje está péssima. No começo nós éramos muito unidos, agora não vê mais reunião, não vê mais festa nenhuma, eu acho que a comunidade é cada um pra si mesmo. Era tão bom antes, porque tinha festa, a gente participava de encontro, a gente ia passear, agora oh”. (DOLZAN, 2000, p.44)

Sempre recordavam com saudade a época da ocupação. Havia um entendimento consolidado entre eles de que aquela época, embora de grandes dificuldades (sempre muito ressaltadas nos depoimentos), era melhor do que a atual. Os vizinhos “se ajudavam”, “havia união”, enquanto “hoje é cada um por si”.

Disso, pode ser extraída uma importante reflexão. Havia (e há) uma memória sendo atualizada em razão de questões presentes³. Um passado de lutas e de união contraposto a um presente marcado pelo individualismo, pela desunião e pela falta de solidariedade revelava o desejo de superação de uma situação presente. Ao mesmo tempo, revela um sentimento de impotência para mudar: as críticas tinham sempre um tom de autocrítica, pois é a comunidade como um todo, incluindo o próprio autor da fala. Não se percebia, naquelas conversas, a referência a um outro ator, culpado pela situação. Culpavam a situação de violência, a droga. Mas este é um “outro generalizado”, não é particularizado numa pessoa ou num conjunto específico de atores. Aqueles que atuam

² “Após a ocupação de uma área pública destinada à construção de uma via de acesso à ilha (projeto que até hoje não foi concluído), durante uma madrugada de chuva intensa, tiveram de permanecer em torno de um ano acampados em barracas de lona, com crianças e sob forte vigilância policial, além de ter que conviver com as hostilidades dos vizinhos de classe média. Depois de um período de intensas negociações conseguiram a remoção para uma outra área na mesma parte continental de Florianópolis. Ali, em regime de mutirão, construíram suas casas em lotes considerados amplos para os padrões de moradia populares. (CANELLA, 2006, p. 9)

³ Ver Márcia Leite, citando Ortiz: “os relatos de vida estão sempre contaminados pelas vivências posteriores ao fato relatado e vêm carregados de um significado, de uma avaliação que se faz tendo como centro o momento da rememoração” (ORTIZ, *apud* LEITE, 1999: 136).

no tráfico, os jovens da Nova Esperança, “filhos da comunidade”, são vítimas, não atores. Assim, não há um outro a ser responsabilizado. O “outro” é o tempo que se vive, a nova realidade de violência e criminalidade. Que nega a “comunidade unida”, que deixa a “comunidade péssima”. A noção de comunidade, no modo como tem sido empregada, remete a uma memória coletiva. Logo, a memória recompõe uma imagem do passado a partir do desejo presente de superação da falta de união coletiva e do individualismo reinantes.

É nesse sentido que se torna possível compreender como a referência ao passado “lá na Coloninha”, ou “quando estávamos morando embaixo de lonas”, vai assumindo os contornos de um passado mitificado. Os procedimentos narrativos que operam em seus relatos são altamente seletivos. Existem os portadores mais autorizados da memória da comunidade. Ao mesmo tempo, os elementos conflitivos desse passado são eliminados em suas narrativas. Duas situações decorrentes da pesquisa são ilustrativas disso.

Ao procurar uma senhora que teve uma participação bastante dinâmica na história da comunidade, a fim de que ela me concedesse uma entrevista sobre a ocupação na Coloninha, ela me disse que era o seu marido quem sabia responder sobre isso. “Ele tava lá, eu não... eu recém tinha ganhado meu filho”. De fato, no dia da ocupação, e nos primeiros tempos “sob a lona”, ela não estava lá. No entanto, ao procurar seu marido, ele disse que achava melhor falar com sua esposa, pois é ela que “sabia” sobre a ocupação. O seja a ocupação, por ser um importante acontecimento público, da história de comum de todos, deveria ser relatado não por ele, que nunca teve participação pública destacada na comunidade (embora tenha presenciado a ocupação), mas por sua mulher (que não teve participação na ocupação, mas que se constituiu como pessoa com atuação pública na comunidade).

O segundo exemplo refere-se à eliminação dos elementos conflitivos. Somente após muitos relatos é que fui ouvir referência a acontecimentos que contradiziam práticas de solidariedade. Um desses acontecimentos foi a tentativa de alguns ocupantes fazerem com que parentes seus entrassem nas casas feitas por mutirão, “roubando”, desse modo, a casa daqueles que haviam participado da ocupação desde seus primórdios. Tais fatos

são esquecidos de seus relatos que tanto idealizam o passado difícil vivido embaixo das lonas da ocupação.

Uma possível explicação para uma memória que idealiza e mitifica o passado não é tarefa simples. No entanto, é possível arriscar dizer que as dificuldades cotidianas por eles enfrentadas numa cidade que exclui e segrega suas áreas periféricas, faz com que o retorno do passado constitua-se como uma captura - no sentido afirmado por Beatriz Sarlo (2007, p. 10) - de um presente marcado pelas poucas perspectivas de futuro.

2. As diferenças entre as gerações: apatia dos jovens?

Janete foi uma das principais lideranças do movimento. Ao contrário da maioria dos ocupantes, foi criada em Florianópolis, num tradicional bairro popular próximo ao centro da cidade. Sua família tinha muitas propriedades próximo ao centro da cidade, mas Janete empobreceu após a perda precoce do marido (tendo que então criar um filho pequeno sozinha) e, principalmente, após a partilha dos bens deixados como herança pelos seus pais, onde ficou prejudicada pelos irmãos. Como a maioria dos moradores, reclama da falta de envolvimento coletivo e da ausência da vida comunitária. Sua explicação para esse problema, no entanto, é sempre confrontada com a sua experiência passada de morar em outro bairro, também pobre, mas com características bastante distintas da Nova Esperança.

Em sua avaliação a união na época da Coloninha tinha a ver com a necessidade: iam mais às reuniões, mas porque “o pessoal precisava mais”. Mas não reduz a esse aspecto a posterior desagregação dos espaços de articulação coletiva. Janete relaciona também com as diferenças culturais, mais uma vez comparando as sociabilidades da Nova Esperança com a que existia na sua época no Mocotó. “Os costumes, a cultura, era tudo muito diferente”. Conta que veio saber o que é vanerão na Nova Esperança, que “lá, no Mocotó, era samba, carnaval. Chimarrão não tinha lá”. Dançava samba, saía no carnaval, na escola, enfim, na sua avaliação, a cultura, os costumes são muito diferentes do oeste catarinense. Aí conta do terno de reis, do boi de mamão, “era coisa que não

perdiam”, “o pessoal da rua ia todo mundo”. Sua descrição das diferenças não é neutra: a cultura do morro agregava. Quando do terno de reis, as pessoas esperavam nas portas de suas casas com o dinheiro e com a cachacinha. Faziam até de manhã. Acha muito estranho que nas festas no Monte Cristo tenham dificuldade de arrumar pessoas para trabalhar, pois no Mocotó tinha fila de pessoas pra trabalhar na festa junina. “A gente sorteava gente, de tanta gente que tinha”. Lá não precisava chamar: “chegou o tijolo da igreja, vamo lá”. Na Nova Esperança, só ajudam se podem ser favorecidos, se não, ninguém aparece.

Assim, ao acionar a memória de uma experiência passada, Janete desenvolve uma explicação que transcende aquelas análises que se restringem ao olhar político sobre os movimentos sociais e a crise de suas formas organizativas. Quando compara a Nova Esperança com o Mocotó, é a diminuição do senso de comunidade que Janete percebe - aquilo que Wacquant (2005) identifica como sendo “a lógica estrutural que abastece a nova marginalidade”. Mesmo que o raciocínio de Wacquant tenha como referência a pobreza em sociedades de capitalismo avançado, há no relato de Janete o sentimento de perda identificado por esse autor, de não se sentir protegida pelo bairro, de não encontrar nele a “paisagem familiar e reconfortante assim como propósitos coletivos e formas de reciprocidade” (WACQUANT, 2005, p. 195-6).

Essa nova sociabilidade, marcada pela ausência de vida comunitária, na explicação de uma outros morador da primeira geração da localidade têm reflexos na juventude, no comportamento individualista e consumista. Luís Carlos é uma liderança importante atualmente. Participou da ocupação, mas na época era de um grupo estigmatizado, “a turma da fuzarca” (segundo suas próprias palavras), aqueles que consumiam drogas, bebiam, metiam-se em confusões e pouco contribuía na organização coletiva da ocupação. Esse morador veio a se transformar em liderança anos depois de definitivamente estabelecidos onde hoje é comunidade Nova Esperança. Após o seu engajamento, passou a criticar o que percebe como um modo de vida consumista, estimulado pela cidade, muito vivo entre seus vizinhos e presente até mesmo na sua casa.

“Acho que acontece muito. Eu digo isso até na minha própria casa mesmo. Na minha própria casa. A minha filha compra uma calça de setenta, oitenta real, mas não investe numa cama melhor pra ela, não investe numa alimentação mais saudável pra ela, entendeu? Então, ela acha que tá com uma calça de oitenta real que tá na moda, mas não tem um fogão bom, não tem uma geladeira boa”.

No entanto, a afirmação de que o comportamento da juventude é consumista e individualista deve ser analisada de modo mais cuidadoso, especialmente no caso daqueles que tiveram participação em projetos sócio-educativos, que foram por mim entrevistados. A participação desses jovens em uma profusão de projetos voltados para educação e cidadania, arte e lazer ou formação profissional proporcionou a eles uma juventude onde a vivência coletiva foi intensamente compartilhada entre eles, com bolsistas da universidade e com professores.

Havia da parte daqueles que implantavam os projetos na Nova Esperança (grupo no qual me incluo) uma preocupação em incorporar os jovens do projeto, na época de sua implantação, com participação na associação, fazendo com que retomassem a antiga dinâmica que fez surgir a comunidade. Não demorou muito para que o grupo fizesse a autocrítica, assumindo como pressuposto que, sendo fruto de outro momento político do país, a participação política desses jovens deveria ser pensada numa perspectiva diferenciada daquela sob a qual analisamos a geração de seus pais. Paulo Krischke (2005) observa, em suas análises sobre cultura política e participação política no Brasil, que o tipo de participação que esperamos (ou cobramos) dos jovens está relacionado a outro modelo de participação e de juventude, extraído muitas vezes, de outras realidades sociais. “Muitas vezes os pesquisadores e as lideranças investem na juventude expectativas de mudança extraídas de outros contextos, que não condizem com a trajetória histórico-cultural do país nem com os incentivos e condições abertas à sua participação” (KRISCHKE, 2005, p. 323-4).

A trajetória de vida de Renato presta-se para a reflexão acerca das relações entre juventude e participação política, além de permitir a comparação com a geração anterior. Após participação em muitas atividades, Renato diz sentir-se mais parte da

cidade onde vive. No entanto, sua trajetória não significa apenas uma adesão ou, nos termos de Angelina Peralva, uma “integração conflitiva ao individualismo de massas” (PERALVA, 2000, p.129). Renato diferencia-se dos outros jovens destacando esse aspecto, e posicionando-se criticamente com relação ao consumo. Em sua percepção há uma séria crítica ao consumismo de muitos outros jovens, embora essas atitudes de consumo estejam também presentes no comportamento de Renato, como, por exemplo, sua fixação em ter automóveis ou motocicletas. Mas, na percepção que tem de si mesmo, sua relação com o consumo é moderada, e explica muitas das suas escolhas, se comparadas com a de outros jovens. Criticando muitos dos jovens que se inserem no mundo da criminalidade, Renato diz:

“Eles quiseram ter as coisas e não quiseram trabalhar. Quem vem dizer pra mim, hoje, assim, “ah, eu uso droga e não como”. Não, aí, ele... eu sei, eu vivi, eu sei, os meus amigos têm a mesma idade que eu, estudamos nove anos, estudamos quase a mesma coisa, porque eu consegui e eles não conseguiram? Entendeu? Eu acho assim, ó, não me bota na cabeça: “ah, por causa da educação, não sei o que...” não é! Porque tu tem que entender o que tu quer... entendeu? “ah, eu quero um carro”, então, pô, então trabalha... trabalha, entra um dinheirinho, compra um carrinho, depois vai indo, entendeu? Não, eles já querem um Golf...”

Renato participou de um grupo de esportes radicais fundado na Nova Esperança. Aos finais de semana se reuniam para fazer trilhas, rapel ou escaladas. Na época, sem qualquer influência externa, fizeram um acordo que chamaram de “pacto anti-drogas”: qualquer jovem que quisesse participar do grupo, teria que abdicar do uso de drogas. Com isso, coletivamente faziam uma escolha no sentido de resistirem a um hábito que, no interior de bairros pobres das cidades brasileiras, acaba por conduzir à criminalidade. Lembro que o tráfico de drogas é algo bastante presente em bairros como o Monte Cristo. É uma realidade evidenciada por jovens como Renato:

“O jovem o que quer? Pô, o cara, o guri tem doze anos, não quer estudar, o corpo dele tá mudando, ele quer se vestir bem, ele quer namorar ele quer ter isso e aquilo, e vai lá e não pode se vestir bem porque a mãe e o pai não têm condições de dar e ele não tem bons amigos pra poder ir num caminho

legal, que que ele vai fazer? Vai vender drogas... Pô, ele vende uma bucha ele ganha cem real por dia. Então ele vai lá, compra o tênis dele, compra... Compra a roupa que ele quer, ele sai, entendeu? É bem difícil, bem diferente, tem que ter uma cabeça muito boa pra tu não se envolver muito, tem que ter muita, uma cabeça muito legal mesmo pra tu não se envolver”.

Hoje o grupo não existe mais. Renato traça caminhos que o distanciam da geração anterior: muito mais voltado para sua ascensão individual, não desenvolve práticas associativas, ao contrário de sua mãe, que fez da participação política e comunitária um modo de vida. Mas em sua ruptura com relação ao comunitarismo, aos laços locais, Renato, assim como muitos de seus amigos, vai desenhando um processo de individuação no qual evita os riscos comuns aos jovens de seu meio⁴. Por outro lado, ao se tornar pai e trabalhador, e adotar uma ética do provedor (ZALUAR, 2000, p.121), Renato assume as referências cronológicas da geração de sua mãe. Ao contrário do que se coloca no processo de juvenização da sociedade moderna, onde as idades deixam de ser referências cronológicas e implicam em ruptura com padrões e atitudes da geração anterior, afirmando estilos de vida (LINS DE BARROS, 2006: 21), a trajetória de Renato revela um outro processo, o qual pode ser também identificado no caminho seguido por muitos dos seus companheiros de juventude, que hoje já têm filhos.

“Tão tudo trabalhando. Das equipes de tutor tão trabalhando. Pra tu ver como o projeto teve importância na [vida] – pode ter acabado, mas acabou assim, na hora que era para acabar, ele acabou, entendeu?”

O projeto de vida de Renato, assim, se rompe com o comunitarismo e o militância da geração anterior e com os laços sociais locais, reafirma os valores da família de acordo com as referências cronológicas da geração anterior.

⁴ Tal como o engajamento no narcotráfico, considerado por Peralva (2000, p.129), em suas pesquisas entre jovens favelados, como um risco inerente ao processo de individuação nesses contextos particulares de pobreza. As escolhas, tais como as feitas por Renato e seus amigos, é entendida a partir da chave explicativa de Norbert Elias, onde a individualização, ou o abandono dos grupos pré-estatais “estritamente aparentados” e a imersão em sociedades cada vez mais complexas, não deixa escolha aos indivíduos pois “têm que decidir muito mais por si. Não apenas podem, mas devem ser mais autônomos. Quanto a isso, não têm opção” (ELIAS, 1994, p.102).

3. Considerações finais

As análises revelam deslocamentos no sentido do político, os quais estão relacionados às mudanças nas condições de vida moradores e ao novo lugar simbólico ocupado pelas localidades de periferia de Florianópolis.

No entanto, é por meio dos relatos orais que se torna possível compreender o papel que o ato de rememorar tem entre os moradores da Nova Esperança, elucidando o modo como os relatos do passado capturam o presente, repleto de dificuldades e carente de expectativas de futuro. Ao mesmo tempo, no relato daqueles que ainda se propõem a organizar coletivamente os moradores, é possível perceber dificuldades que transcendem a dimensão política, colocando-se na dimensão das sociabilidades que se desenvolvem em bairros de uma nova pobreza na cidade.

Entre os jovens, ao contrário de uma possível apatia política, ou mesmo uma postura neoconservadora (ao afirmar a família e ascensão social), a escuta atenta de suas falas revela uma outra dimensão do problema: na luta pela inserção no trabalho, no comportamento de poupança, no evitar as drogas, encontram-se estratégias de resistência dos jovens aos efeitos produzidos pelo viver em bairros pobres e estigmatizados da cidade.

Referências:

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, SP, Papyrus, 1996.

CANELLA, Francisco. **O que faz da Nova Esperança uma comunidade?** Trabalho Final da Disciplina Metodologia II – Prof.a. Márcia Contins. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

DOLZAN, Janiane Cinara **Caminhos/Imaginário/Conquistas**. O Movimento Sem Teto e a Comunidade Nova Esperança. Florianópolis, Trabalho de Conclusão do Curso de História, FAED/ Universidade do Estado de Santa Catarina, 2000.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.

KRISCHKE, Paulo J. Questões sobre juventude, cultura política e participação democrática. In: ABRAMO, Helena W. e BRANCO, Pedro M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2005.

LEITE, Márcia Pereira. “Grajaú, memória e história: fronteiras fluidas e passagens”, **Cadernos Metrôpole**, Desigualdade e governança, no 5, 1999.

LINS de BARROS, Myriam. Gênero, cidade e geração, perspectivas femininas. In LINS de BARROS, Myriam (org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

LORIGA, Sabine. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro, Editor da Fundação Getúlio Vargas. 1998.

PERALVA, Angelina. **Violência e democracia: o paradoxo brasileiro**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

WACQUANT, L. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro, Revan, FASE, 2005.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo, Companhia das Letras; Belo Horizonte, UFMG, 2007.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo, Brasiliense, 2000.